

ATITUDES LINGUÍSTICAS DA COMUNIDADE KYIKATÊJÊ NO SUDESTE DO ESTADO DO PARÁ

ATTITUDES OF THE KYIKATÊJÊ COMMUNITY IN THE SOUTHEAST OF THE STATE OF PARÁ

Áustria Rodrigues Brito

Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA)

austriaufpa@gmail.com

Resumo: Partindo de uma perspectiva sociolinguística, nosso objetivo geral é estudar as atitudes sociolinguísticas no contexto da comunidade indígena Kyikatêjê, localizada no km 25 da BR 222, do município de Bom Jesus do Tocantins, no sudeste do Pará, numa área de 62.4888,4516, descrevendo o modo como o povo Kyikatêjê se posiciona em relação às duas línguas em contato: o português e o kyikatêjê. A partir do resultado dessa primeira etapa, o nosso objetivo específico é apresentar à comunidade escolar proposições acerca do posicionamento linguístico da comunidade que possam contribuir para a efetividade tanto do ensino das duas línguas. Para o nosso objetivo geral, conforme Tarallo (1986), partiremos da premissa de que as atitudes sociolinguísticas dos falantes são determinantes para o favorecimento do uso de uma ou outra língua conforme contextos bem definidos. Para chegar à sistematização dessas atitudes, utilizamos os questionários de Maher (2007). Foram eles que nos possibilitaram a coleta de dados que agora nos permitem entrever a atitude sociolinguística dos falantes da comunidade. Assim, entendendo que o ensino de línguas só será verdadeiramente significativo e efetivo para a comunidade se for dimensionado a partir de uma perspectiva interacional e contextual (Koch, 1992), apresentaremos à comunidade escolar local os nossos resultados, com o intuito de evocar medidas educativas quanto ao ensino de línguas que sejam mais congruentes com a realidade da comunidade e, com efeito, das aspirações desta.

Palavras-chave: Atitude sociolinguística. Povo Kyikatêjê. Subsídios para o ensino

Abstract: Starting from a sociolinguistic perspective, our general objective is to study sociolinguistic attitudes in the context of the Kyikatêjê indigenous community, located at km 25 of BR 222, Bom Jesus do Tocantins municipality, southeast of Pará, in an area of 62,4888,4516, describing The way Kyikatêjê people stand in relation to the two languages in contact: Portuguese and kyikatêjê. From the result of this first stage, our specific objective is to present to the school community propositions about the linguistic positioning of the community that can contribute to the effectiveness both of teaching the two languages. For our general objective, according to Tarallo (1986), we will start from the premise that the sociolinguistic attitudes of the speakers are determinant for favoring the use of one or another language according to well defined contexts. In order to arrive at the systematization of these attitudes, we used Maher's questionnaires (2007). It was they who enabled us to collect data that now allow us to glimpse the sociolinguistic attitude of the community speakers. Thus, understanding that language teaching will only be truly meaningful and effective for the community if it is measured from an interacional and contextual perspective (Koch, 1992), we will present our results to the local school community with the aim of evoking educational measures as regards the teaching of languages that are more in line with the reality of the community and, indeed, of the aspirations of the community.

KEY WORDS: Sociolinguistic attitude. Kyikatêjê people. Teaching allowances

Introdução

A presente pesquisa objetiva descrever “O Perfil sociolinguístico e atitudes linguísticas da comunidade Kyikatêjê no Sudeste do Estado do Pará”. Essa primeira etapa da pesquisa proporcionou o conhecimento das atitudes linguísticas do falante em relação a **língua portuguesa (LP)** e língua indígena (LI).

As perguntas que orientam a nossa pesquisa são as seguintes: a) Como se dá na prática, o uso das duas línguas – o Português e o Kyikatêjê (com quem se fala, o que se fala, que língua, para quem e onde se fala)? b). Quais as atitudes da comunidade Kyikatêjê face às duas línguas? c) O que essas atitudes revelam sobre a manutenção ou deslocamento dessas línguas na comunidade em que vivem?

Sabemos que desde a história de colonização linguística os povos indígenas tiveram suas línguas substituídas pelas línguas majoritárias, em que foram forçados a usar o Português mais do que a língua nativa, e o contexto escola, que surge do próprio contato, não considerou as ameaças sofridas pela língua nativa, e até o presente não se criou medidas educativas no âmbito da educação escolar indígena que desse conta de uma política linguística de valorização da língua indígena, de

forma que nenhuma providência foi tomada para que ela servisse de eixo fortalecedor da língua e cultura do povo.

Uma das questões que consideramos, desde o início da nossa pesquisa é a problemática do convívio de duas línguas em uma sociedade como a do povo *Kyikatêjê*. Calvet (2002) afirma que a língua não é algo como um martelo ou como um serrote, instrumentos que são utilizados e logo em seguida são guardados, como se, em algum momento, pudéssemos nos desvincular deles. Para Calvet,

(...) existe todo um conjunto de atitudes, de sentimentos dos falantes para com suas línguas, para com as variedades de línguas e para com aqueles que as utilizam, que torna superficial a análise da língua como simples instrumento. (CALVET, 2002, p. 65).

Nesse sentido, a língua *Kyikatêjê* não pode ser guardada e esquecida, enquanto o Português se difunde cada vez mais, por meio das novas gerações, principalmente dos homens, pois esses são os que têm contato mais intenso com os não índios. Há também que se considerar o fato de que uma língua deve ser entendida como instrumento cultural (EVERETT, 2012) e meio de interação social, resultante da ação e interação de sujeitos, mudando com o passar dos tempos e com o contexto. Desse modo, torna-se evidente que um ensino de línguas que não parta dessas premissas se tornará inócuo, no sentido de que não estará cumprindo o seu verdadeiro papel, que é o de favorecer a comunidade escolar uma aprendizagem relevante para as relações sociais.

Com base nessa realidade, construímos uma proposta de trabalho com o principal objetivo de analisar alguns aspectos da situação sociolinguística dos *Kyikatêjê*, focalizando as atitudes destes com relação às duas línguas - Português e *Kyikatêjê*.

Materiais e métodos

Para a sistematização dos dados de nossa pesquisa optamos pela utilização dos métodos de pesquisa quantitativa e qualitativa. Na abordagem qualitativa, torna-se necessária a identificação de muitos fatos e ocorrências do mesmo fenômeno, a fim de conferir maior confiabilidade à análise. Simultaneamente, os dados quantitativos foram interpretados à luz das informações qualitativas observadas durante a pesquisa. Dessa forma, durante a pesquisa utilizamos mais de um procedimento para a coleta de dados e informações, visando esclarecer e validar o material colhido, como será demonstrado a seguir:

a) Aplicação do questionário 1 (Q1): foi aplicado em 36 casas da comunidade, e o representante de cada família respondeu ao questionário;

b) Aplicação do questionário 2 (Q2): que objetivou o mapeamento das atitudes linguísticas dos falantes;

Ao final da análise de cada questionário, foi realizada a tabulação geral dos dados e, para tanto, construímos planilhas de dados no Microsoft Office Excel, obtendo os resultados de todas as perguntas e justificativas dadas aos questionários pela comunidade *Kyikatêjê*. Em seguida, se quantificou os dados por meio de gráficos e tabelas com estatística descritiva e, por último, procedeu-se à análise e interpretação dos dados, buscando fornecer uma visão geral do perfil sociolinguístico da comunidade alvo.

O contexto da pesquisa

A pesquisa sociolinguística foi feita a partir de quatro (2) questionários aplicados junto a 47 pessoas, 55% homens e 45% mulheres. O desenho buscou, na medida do possível, ser igualitário entre os sexos para uma maior representatividade de ambas as opiniões (Tabela 1).

Tabela 1- Número de entrevistados por sexo na aldeia *Kyikatêjê*

Sexo	Número de entrevistados	%
Feminino	21	45%

Masculino	26	55%
Total geral	47	100%

Assim, também buscamos dividir igualmente o número de entrevistados por faixa etária (Tabela 2), com exceção da classe que envolve os sujeitos com mais de 60 anos, por essa amostra ter sido menor, devido ao fato de grande parte das pessoas maiores de 60 anos ter saído da comunidade em abril de 2012.

Tabela 2 - Número de entrevistados por faixa etária

Faixa etária	Feminino	Masculino	Total
8-12	24%	27%	26%
13-30	24%	19%	21%
31-45	24%	23%	23%
46-60	19%	27%	23%
Mais de 60	10%	4%	6%
Total geral	100%	100%	100%

Da mesma forma buscou-se, dentro do possível, manter esta equitatividade por faixa etária e por sexo (Tabela 3).

Tabela 3 - Número de entrevistados por faixa etária na aldeia Kyikatêjê

Faixa etária	Feminino	Masculino	Total
8_12	42%	58%	100%
13_30	50%	50%	100%
31_45	45%	55%	100%
46_60	36%	64%	100%
Mais de 60	67%	33%	100%
Total %	45%	55%	100%

Análise e discussão dos dados

As atitudes dos falantes Kyikatêjê sobre o uso e funções da língua indígena e do Português

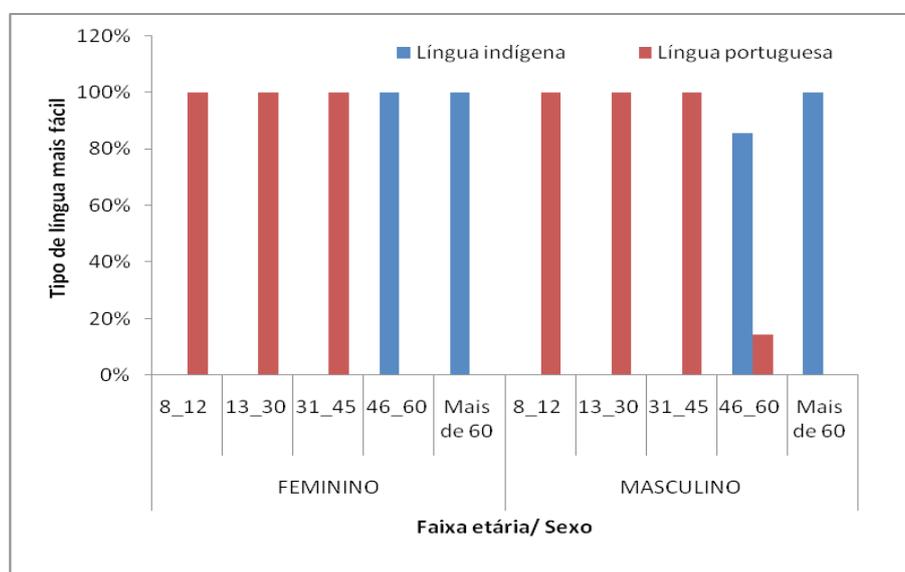


Gráfico 1- Que tipo de língua é mais fácil? Respostas por faixa etária e por sexo (entrevistados na aldeia Kyikatêjê).

No gráfico 1, observamos que o grupo com faixa etária de 46-60 do sexo masculino e feminino e o grupo dos indivíduos com mais de 60 anos, também de ambos os sexos, considera a Língua Indígena (LI) fácil. Este dado é compreensível, pois esse grupo intermediário de 46-60 anos cresceu em uma comunidade que ainda tinha a língua nativa em pleno vigor de uso, além do que era os que tinham mais contato com os “velhos” (mais de 60 anos). Consideramos essa faixa etária como lembradores da língua, pois entendem algumas palavras e frases na LI, mas não falam na língua, e assim como os “velhos”, têm papel de grande importância no processo de vitalização linguística da comunidade.

Observamos também que as demais faixas etárias consideram a Língua Portuguesa (LP) “fácil”, dado compreensivo, haja vista que foi essa língua que eles adquiriram em primeiro lugar. Resultado do processo de colonização linguística brasileira que obrigou todos os povos indígenas a usarem a língua do colonizador.

Além disso, no caso específico da comunidade Kyikatêjê, a Língua portuguesa (LP) é a primeira língua ensinada na escola, e é também a mais falada no cotidiano da aldeia, na família e por todos de modo geral, com exceção da primeira geração (com mais de 60 anos) que fala na língua. Ademais, se compararmos a mesma faixa etária 46-60 anos de ambos os sexos, vemos que, no caso dos homens, há uma pequena porcentagem que considera a língua portuguesa fácil de aprender. Isso certamente se explica pelo fato de os homens terem de interagir com os não indígenas, sobretudo em negociações, transações comerciais.

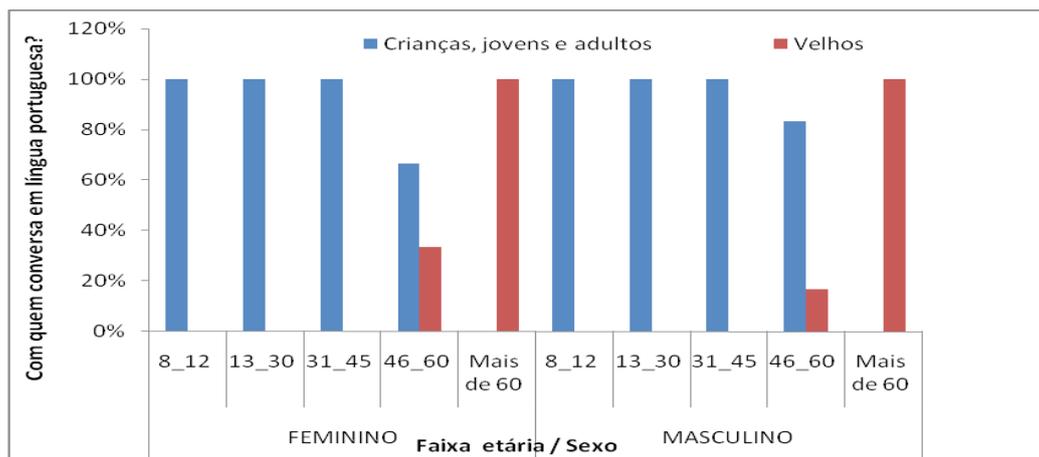


Gráfico 2- Com quem conversa em LP? Respostas por faixa etária e por sexo por entrevistados na aldeia Kyikatêjê.

No gráfico 2, a Língua Portuguesa (LP) se apresenta como a língua mais falada por todos na comunidade, o que se confirma também em alguns relatos dos entrevistados (questionário 2):

[...] meus pais em casa falam mais em português, e aí eu e meus irmãos também falamos mais português, acho mais fácil português, gosto que os professores ensinam o português para a gente, para que a gente fale bem (...) se prepare para o vestibular (...) acho um pouco difícil falar na linguagem, eu não entendo muito, só algumas palavras, é muito difícil a língua. Joxanti Jötumre Kokaproti, 12 anos. Entrevista realizada na Reserva indígena de Mãe Maria (RIMM), maio de 2014.

Assim, a Língua Portuguesa, como já ressaltamos, é a mais utilizada no dia a dia da comunidade. Além de ser a língua de comunicação com os não-indígenas dentro e fora da aldeia. Além disso, o gráfico mostra que os mais velhos não se comunicam na língua indígena com as crianças. Isso se dá por muitos fatores, como a distância cultural de uma geração para outra. Novamente temos aqui, uma entrevista (questionário 2) que confirma o que já apresentamos acima, que a aquisição pelas crianças está sendo determinada pelo português brasileiro.

[...] falo mais o português, foi a primeira língua que aprendi aqui, e as minhas colegas que têm minha idade falam mais português. Já aprendi algumas palavras, já sei até cantar música da igreja, o hino nacional também aprendi a cantar na linguagem Kyikatêjê... Eu gosto de cantar, vejo meu pai cantando e gosto... *Jokrepoire Goreth Rikpàrti*, 11 anos. Entrevista realizada na Reserva indígena de Mãe Maria (RIMM), maio de 2014.

Tabela 4- Nível de falantes, lembrantes e aprendizes por geração

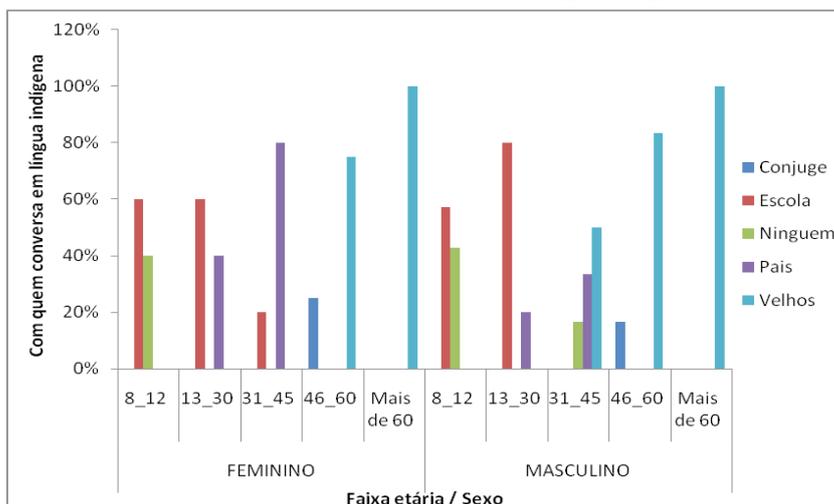
Nível de fala	Por geração
Falantes	Somente a primeira geração (com mais de 60 anos)
Lembrantes/ou entendedentes	Segunda geração (31-60) anos
Aprendizes	Terceira geração (8-30 anos)

Vê-se, ainda, como ilustra o extrato de relato seguinte, o medo de errar a pronúncia de certas palavras de um jovem aprendiz que considera a Língua indígena “difícil de aprender” e que não gostaria de ser advertida pelos “velhos”:

[...] falo só algumas palavras na língua, aprendi desde pequena o português e às vezes tenho medo de falar, tenho medo de falar errado e os velhos brigarem, dizer que está errado, nós não procura a ajuda deles se a gente ouvisse mais, se a gente gravasse a fala deles assim como você tá fazendo podia colocar aqui no celular e aprendia mais, mas falta interesse da gente. Falar na linguagem é difícil, é só aprendemos na escola com o professor Liguido. *Aikrepeipramre Roserly Xankrare*, 12 anos. (Entrevista realizada na Reserva indígena de Mãe Maria (RIMM), maio de 2014).

Pelo relato notamos que não há o uso efetivo do ensino da língua indígena, a não ser na escola e de forma bem restrita. Sem contar que na comunidade as interações linguísticas são poucas, o que dificulta o aprendizado na língua nativa. Deste modo, as crianças e jovens e grande parte dos adultos aprendem pouco e quando interagem com os mais velhos acham falar na língua estranho, difícil, pois não se veem ali representados. Ressaltamos que isto não é uma característica apenas dos Kyikatêjê, mas de grande parte das comunidades indígenas, hoje, em que a língua é rotulada como língua de “velhos”, e onde ser velho é não ter valor, representando apenas o passado. E se olharmos o processo de aculturação a que foram submetidos esses povos, vamos observar o quanto de valores dos não indígenas lhes foram impostos.

Gráfico 3 - Com quem você conversa em Língua indígena na sua aldeia?



No gráfico 3, constatamos que somente o grupo com mais 60 anos fala a língua indígena como primeira língua e conversa na língua entre eles; o grupo de 46-60 de ambos os sexos interage com mais frequência com os velhos; e o grupo de 31-45 do sexo feminino, conversa com os pais, o que comprova que grande parte destes que mantém contato com a primeira geração são lembrantes e/ou entendedentes da língua, conforme quadro demonstrativo feito anteriormente. Já a faixa etária de 8-30 anos de ambos os sexos conversa em língua indígena somente na escola, confirmando o que já dissemos acima que os pais já não falam mais na língua com seus filhos, o que pode ser pela insegurança sobre sua condição de não ser mais falante na língua. Ou, ainda, podemos inferir que desejam que seus filhos aprendam a língua portuguesa para que possam se expressar bem e competir em “pé” de igualdade com a comunidade não-indígena.

Sobre essas questões, observamos que no Projeto Político Pedagógico da Escola Kyikatêjê (PPP) há uma informação de que a comunidade fez uma consulta aos alunos por meio de um questionário para saber a opinião sobre “o que pensam do ensino de língua portuguesa na aldeia e suas expectativas”. O resultado demonstra que

[...] todos expressam suas ideias e anseios para aprender o português. E baseando em suas respostas eles relataram que não devem deixar de trabalhar nas aulas de português: leituras diversas, gramática contextualizada, interpretações de textos, o uso da ortografia correta, seminários (...), mas foi lembrado por eles que o ensino do português não venha prejudicá-los quanto ao falar e escrever a língua materna. Assim a língua portuguesa vem sendo trabalhada de forma interdisciplinar com a língua Jê Timbira na medida do possível. Através do conhecimento da Língua portuguesa, permite que os alunos desenvolvam no sentido de serem preparados para a vida, vestibulares e concursos, tanto para a vida em comunidade quanto para a sociedade não-indígena. Aprender e saber usar a língua portuguesa na escola é um dos meios de que as sociedades indígenas dispõem para interpretar e compreender as bases legais que orientam a vida no país, sobretudo aquelas que dizem respeito aos direitos dos povos indígenas. Aonde a linguagem vem como atividades discursivas e cognitivas, e os domínios da língua, como sistema simbólico utilizado por uma comunidade linguística, são condições de possibilidade de plena participação social (Cf. PPP ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA KYIKATÊJÊ, 2001, p. 44 -45).

Assim, de acordo com Maher (2010, p.40), como “conciliar a necessidade de uma língua de (re) afirmação identitária (língua indígena) com a necessidade de uma outra que traz vantagens econômicas, políticas e sociais no interior da própria aldeia. (Língua portuguesa)?”. Esta é, sem dúvida, a realidade de grande parte das comunidades indígenas do Brasil.

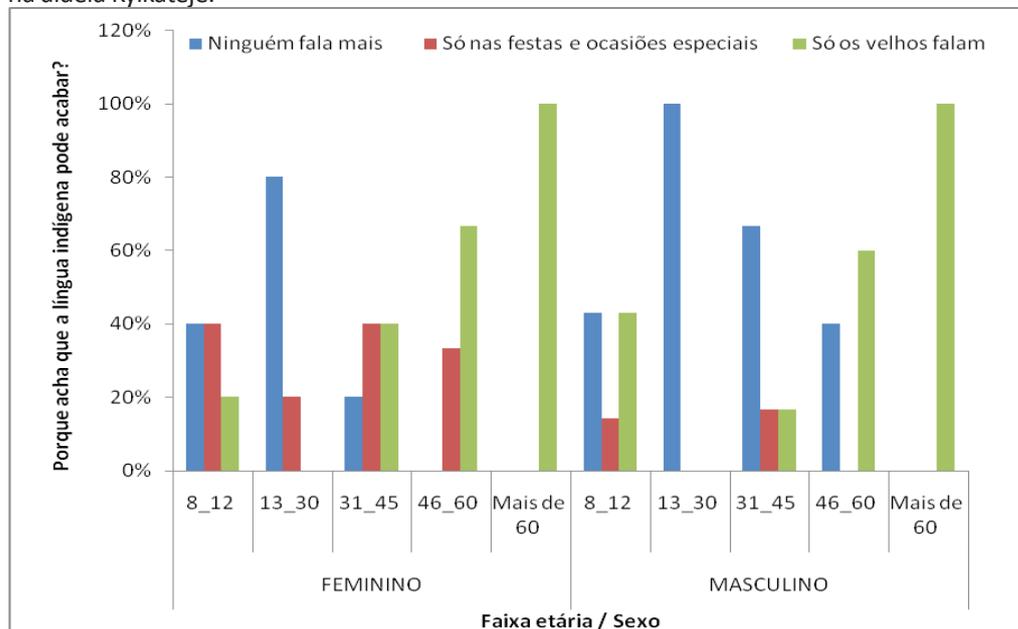
Deste modo, entendemos que além de políticas públicas afirmativas que possam garantir a vitalização dessas línguas minoritárias é necessário também que a comunidade Kyikatêjê (falantes, lembrantes e aprendentes) e a Escola assumam seus papéis no planejamento de ações de vitalização de sua língua, de modo que esta não se extinga.

Cabe, portanto, à comunidade Kyikatêjê criar seus espaços de ensino-aprendizagem, de fato, valorizando o aprendizado da língua em seu ambiente natural, considerando os vários contextos de interação linguística, de modo que a LP não substitua a LI, mas que sejam consideradas “elos de cooperação e complementaridade entre essas línguas, do ponto de vista de uma ecologia linguística produtiva”. (MAHER, 2010, p. 41). Acreditamos, pois, que a harmonização das duas línguas no mesmo ambiente propiciará a recuperação dos valores tradicionais da população Kyikatêjê e ajudará também esta reconhecer as influências sofridas por essa língua ao longo do tempo, marcando significativamente os aspectos identitários da comunidade.

É evidente que não temos receitas prontas para oferecer aos Kyikatêjê, mas os próprios membros desta comunidade poderão construir formas alternativas de uso da língua. E pelo que constatamos, os Kyikatêjê já vêm reagindo de forma gradativa em prol da vitalização de sua língua,

mas como já dissemos, essas iniciativas não têm sido suficientes.

Gráfico 4 - Porque acha que a LI pode acabar? Respostas por faixa etária e por sexo por entrevistados na aldeia Kyikatêjê.



Os resultados dos gráficos apresentados e no gráfico 4 preocupam, pois somente poucos velhos falam a língua, deste modo é preciso lembrar que essa língua tão cheia de diversidade e de riqueza está se acabando. É também altamente preocupante o fato de que a situação linguística dessa comunidade não seja questionada pela própria comunidade. Assim, o português vem se instalando como língua de prestígio, sendo considerada por grande parte deste grupo como a melhor e mais importante. Pelos depoimentos, notamos a preocupação da educadora *Jõprara* com a realidade biossocial apresentada, onde os jovens na opinião da dela “não têm interesse de aprender a língua indígena” e *Prekrôti*, professor de cultura, revela também que grande parte dos jovens “têm vergonha de sua língua”, conforme depoimentos a seguir:

As crianças menores vêm pras aulas no acampamento, as maiores não vêm, têm vergonha de falar na linguagem, não querem aprender, só querem falar português. Lá além do ensino da língua ensino a produzir flecha, tirar coco, ensina também a tirar palha de coco. Tem também uns que querem aprender na linguagem, mas outros não querem aprender. (Ta mexendo com o outro) não estão nem prestando atenção. Eu até brigo também, presta atenção quando [...] eu estou contando a história. Mais tarde (aí o exercício) para aprender da história que eu estou contando para vocês. Então os pequenos, a mãe deles gosta e conta a história. Tem gente que é interessada e tem gente que não, também. Mas não são todos. Não vou dizer que são todos que sabem. Só querem ser da cidade. Só quer ser, não quer aprender. Ainda dizem assim: temos que aprender a LP para falar com os brancos, aprender português pra ir pra faculdade, lá não vai ter LI. Tem gente que fala assim pra nós. “Mas eu fico triste e a comunidade também.” *Jõprara*. (Entrevista realizada na Reserva indígena de Mãe Maria (RIMM), maio de 2014).

Não são todos que querem aprender a língua. Alguns aceitam. Alguns não querem, fico triste com isso. Ele não tem o pensamento igual ao nosso. Não tem cuidado. [...] eles não

sabem ainda. Eles não têm esse pensamento, não é igual a nós. [...] explicando e ensinando. [...] só nós e os mais velhos que ficam no acampamento que sabe e a família deles também não ensina. Tem gente que quer e tem gente que não quer a cultura, a brincadeira. Quando nós jogamos, eu vou já amarrar, vou começar a jogar também. (Se não eles me deixam assim). Acho importante também ensinar a cantar a dança, a música também. A gente ensinar a cantar. Eu canto muito na língua. Vou cantar pra ti. [...] a voz do peixe. *Prekrôti*. Entrevista realizada na Reserva indígena de Mãe Maria (RIMM), maio de 2014.

Pelos depoimentos, inferimos que as crianças e jovens da comunidade *Kyikatêjê*, em virtude de não interagirem mais na língua nativa e de usarem as novas tecnologias, as redes sociais, isso tudo têm tirado o foco, o interesse pelo aprendizado. Em decorrência disso, têm buscado novas identificações, como bem afirma Hall.

[...]as nossas identificações vão se deslocando ao longo da vida, de acordo com os contextos sociais em que est inseridos. Nesse processo, nossas identificações também sofrem transformações, por isso não se pode pensar na identidade “como uma coisa acabada, deveria falar de *identificação*, e vê-la como um processo em andamento” (HALL, 2003, p. 38).

Pela fala da educadora *Jõprara* “Só querem ser da cidade. Só quer ser, não quer aprender”, afirma que, grande parte dos jovens não se veem mais tão representados e/ou identificados com sua língua e cultura. Situações compreensivas, pelo fato de serem jovens, possuem outros interesses (morar na cidade, estudar fora da aldeia, fazer universidade). Contudo, queremos ressaltar que essa realidade, não faz parte só dos *Kyikatêjê*, mas de uma grande parte das comunidades indígenas, hoje.

A partir disso, entendemos assim, como Hall (2000) citado por Silva (2000, p.111) que “as identidades só podem ser lidas a contrapelo, isto é, não como aquilo que fixa o jogo da diferença em um ponto de origem e estabilidade, mas como aquilo que é construído na *différance* ou por meio dela”, pois ao longo da vida, podemos transitar entre uma e outra identidade.

Em algumas falas dos entrevistados notamos que as duas línguas (língua indígena e língua portuguesa) são relevantes, como podemos observar nos depoimentos de *Amjijakaprãmti* e *Kwyjarkrati*

[...] em casa meu pai fala com a gente em português e na linguagem; ele ensina a gente música e canta pra gente na linguagem, ensina a escrita da língua aqui e na escola; falta mais interesse dos jovens de procurar mais pra aprender, eu agora que estou tendo interesse mais pela língua; quando tenho algumas dúvidas pergunto pra ele e quero aprender igual ele, sinto orgulho do meu pai [...]. *Amjija kaprãmti Goreth Rikpãrti*. (Entrevista realizada na Reserva indígena de Mãe Maria (RIMM), maio de 2014).

[...]quero aprender a ler e escrever também na linguagem para escrever a história do nosso povo. Isso é importante, meu pai sabe muitas cantigas na linguagem, ele me ensina em casa e na escola. Ele quer fazer um dicionário na linguagem. Ele guarda muita coisa já. [...] falar português também é importante quero escrever bem, quero fazer faculdade, minha irmã passou esse ano no vestibular, eu quero também passar, me formar. Em casa todo mundo estuda, até minha mãe, ela estuda comigo. Meu pai terminou agora o magistério e quer fazer também

faculdade. *Kwyjarkrati Goreth Rikpàrti*. (Entrevista realizada na Reserva indígena de Mãe Maria (RIMM), maio de 2014).

Vale ressaltar aqui, o depoimento de *Kwyjarkrati* que afirma que o aprendizado do português é importante para se escrever bem, para se tornar um leitor e escritor em língua portuguesa e para conseguir chegar ao nível superior, como bem destaca em sua fala “eu quero também passar, me formar”. Deste modo, observamos que, apesar da língua indígena não ser mais a primeira língua da comunidade, as jovens relatam o desejo de quererem aprender, pois ela é “a língua do coração que marca a identidade étnica do povo”, como afirma Pimentel da Silva (2009).

Algumas considerações

Em síntese, os resultados da pesquisa demonstram que a comunidade tem uma situação de extrema vulnerabilidade, já que não há, mais nenhum falante da língua minoritária entre crianças, jovens e adultos. E se essa situação não for revertida, a língua *Kyikatêjê* poderá se extinguir. Tal situação demonstra que é importante estabelecermos junto à comunidade intervenções preventivas, seja no sentido de aumentar a comunicação de crianças, jovens e adultos com os velhos, no sentido de expandir o uso da língua junto à comunidade; incentivando o uso da língua no seio familiar ou o seu ensinamento na escola, como segunda língua, pois como bem afirma Pimentel da Silva (2009), essa prática também é uma forma de fortalecimento linguístico da língua.

Com relação ao ensino-aprendizagem da língua *Kyikatêjê*, nosso estudo mostrou que a comunidade precisa construir metodologias de ensino que favoreçam uma educação bilíngue de fato, como forma de garantir o ensino de língua indígena na escola, estimulando tanto o ensino da língua nativa como o do português, de forma que as duas línguas sejam igualmente valorizadas, mas com foco especial na língua e cultura nativa. É importante ainda que a comunidade *Kyikatêjê* elabore uma política linguística local, que defina a forma como será concebido o ensino bilíngue na escola, sobretudo “o que será ensinado de Língua indígena?” E “o que será ensinado de Língua Portuguesa na escola?”. Acreditamos que nosso projeto vai ajudar a comunidade a pensar em práticas eficazes para o processo de vitalização linguística da comunidade.

Referências

AIKREPEIPRAMRE Roserly Xankrare. **Entrevista realizada na Reserva indígena de Mãe Maria (RIMM)**, maio de 2014.

AMJIJA kaprãmti Goreth Rikpàrti. **Entrevista realizada na Reserva indígena de Mãe Maria (RIMM)**, maio de 2014.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma visão crítica**. São Paulo: Parábola, 2002 b.

EVERETT, D. **Language: the cultural tool**. New York: Pantheon Books, 2012.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG; Brasília: UNESCO, 2003.

JÕPRARA. **Entrevista realizada na Reserva indígena de Mãe Maria (RIMM)**, maio de 2014

JOXANTI Jõtumre Kokaproti. **Entrevista realizada na Reserva indígena de Mãe Maria (RIMM)**, maio de 2014 .

JOKREPOIRE Goreth Rikpàrti. **Entrevista realizada na Reserva indígena de Mãe Maria (RIMM)**, maio de 2014):

KWYJARKRATI Goreth Rikpàrti. **Entrevista realizada na Reserva indígena de Mãe Maria (RIMM)**, maio de 2014 :

MAHER, Tereza, M. Políticas Linguísticas e Políticas de Identidade: Currículo e Representações de Professores Indígenas na Amazônia Ocidental Brasileira. **Currículo sem Fronteiras**, v.10, n.1, pp.33-48, Jan/Jun 2010. Disponível em: <<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol10iss1articles/maher.pdf>>. Acesso em: 12mar. 2014.

PREKRÔTI. **Entrevista realizada na Reserva indígena de Mãe Maria (RIMM)**, maio de 2014:

PIMENTEL DA SILVA, Maria do Socorro. **Reflexões sociolinguísticas sobre línguas indígenas ameaçadas**. Goiânia: UFG, 2009. 157 p.

ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA KYIKATÊJÊ. **Projeto Político Pedagógico da Escola Estadual indígena Kyikatêjê**, 2001.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A Produção Social da Identidade e da Diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da et AL (org.). **Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. São Paulo: Vozes, 2000.

Recebido em 14 de junho de 2017.

Aceito em 3 de outubro de 2017.